



TRADIÇÃO EM
COMPARTILHAR
CONHECIMENTO

Maurice Leblanc

ARSÈNE LUPIN CONTRA HERLOCK SHOLMES

Tradução:
André Telles e Rodrigo Lacerda

Apresentação:
Rodrigo Lacerda



Copyright da tradução e das notas © 2017, André Telles e Rodrigo Lacerda

Copyright desta edição © 2017:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Carolina Menegassi Leocadio, Carolina Sampaio

Projeto gráfico: Carolina Falcão

Capa: Rafael Nobre

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Leblanc, Maurice

L486a Arsène Lupin contra Herlock Sholmes/Maurice Leblanc; tradução André Telles e Rodrigo Lacerda; apresentação Rodrigo Lacerda. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

(Clássicos Zahar)

Tradução de: Arsène Lupin contre Herlock Sholmès

Apresentação e cronologia

ISBN 978-85-378-1710-0

I. Ficção policial francesa. I. Telles, André. II. Lacerda, Rodrigo. III. Título. IV. Série.

CDD: 843

CDU: 821.133.I-3

17-43885

A MULHER LOURA

I. NÚMERO 514, SÉRIE 23

NO DIA 8 DE DEZEMBRO do ano passado, o sr. Gerbois, professor de matemática no liceu de Versalhes, desencavou, em meio à bagunça de uma loja de antiguidades, uma pequena escrivaninha de mogno que lhe agradou pela abundância de gavetas.

“Justamente do que eu preciso para o aniversário de Suzanne”, pensou.

E como, na medida de seus modestos recursos, fazia de tudo para alegrar a filha, discutiu o preço e pagou a soma de sessenta e cinco francos.

No momento em que fornecia seu endereço para a entrega, um rapaz de maneiras elegantes, após bisbilhotar aqui e ali, percebeu o móvel e perguntou:

– Quanto?

– Está vendido – respondeu o comerciante.

– Ah...! Ao cavalheiro, talvez?

O sr. Gerbois fez uma saudação e, mais feliz ainda por possuir o móvel cobiçado por um semelhante, retirou-se.

Mas não dera dez passos na rua quando foi alcançado pelo rapaz, que, de chapéu na mão e num tom de perfeita cortesia, interpelou-o:

– Peço-lhe mil desculpas, cavalheiro... Tenho uma pergunta indiscreta a lhe fazer... O senhor estava procurando especificamente essa escrivanhinha?

– Não. Estava atrás de uma balança em oferta para algumas experiências de física.

– Quer dizer que não faz muita questão dela?

– Gostei dela, só isso.

– Porque é antiga, talvez?

– Porque é prática.

– Nesse caso, consentiria em trocar por uma escrivanhinha igualmente prática, porém em melhor estado?

– Esta acha-se em bom estado e a troca me parece inútil.

– No entanto...

O sr. Gerbois é um homem que se irrita com facilidade, exibindo um temperamento suscetível. Respondeu secamente:

– Por favor, cavalheiro, não insista.

O desconhecido plantou-se à sua frente.

– Ignoro o preço que pagou, senhor... Ofereço-lhe o dobro.

– Não.

– O triplo?

– Oh! Paremos por aqui – exclamou o professor, impaciente –, o que me pertence não está à venda.

O rapaz fitou-o detidamente, com uma cara que o sr. Gerbois não iria esquecer, depois, sem uma palavra, girou nos calcanhares e se afastou.

Uma hora depois, entregavam o móvel na casinha que o professor ocupava na estrada de Viroflay. Ele chamou a filha.

– É para você, Suzanne, claro, se for do seu gosto.

Suzanne era uma moça bonita, expansiva e feliz. Atirou-se no pescoço do pai e o abraçou com a mesma alegria que o teria feito se ele a tivesse presenteado com algo suntuoso.

Naquela mesma noite, após instalá-la no seu quarto com a ajuda de Hortense, a empregada, limpou as gavetas e arrumou cuidadosamente seus papéis, suas caixas de envelopes, sua correspondência, suas coleções de cartões-postais e algumas lembranças furtivas que ela conservava afetuosamente de seu primo Philippe.

No dia seguinte, às sete e meia, o sr. Gerbois dirigiu-se ao liceu. Às dez horas, Suzanne, obedecendo a um hábito cotidiano, esperava-o na saída, e para ele era um grande prazer avistar, na calçada defronte do portão, sua figura graciosa e seu sorriso de criança.

Voltaram juntos.

– E sua escrivãzinha?

– Simplesmente maravilhosa! Hortense e eu polimos os detalhes em cobre. Ficou parecendo ouro.

– Então está contente?

– Se estou contente?! Nem sei como pude viver sem ela até aqui.

Atravessaram o jardim que precedia a casa. O sr. Gerbois sugeriu:

– Vamos dar uma olhada nela antes do almoço?

– Oh, sim! Boa ideia.

Ela subiu primeiro, mas, ao chegar à porta do quarto, deu um grito de estupefação.

– O que houve afinal? – balbuciou o sr. Gerbois.

Em seguida, entrou no quarto. A escrivanhinha não estava mais lá.

O QUE ESPANTOU O JUIZ de instrução foi a admirável simplicidade dos meios aplicados. Na ausência de Suzanne, e enquanto a empregada fazia suas compras, um transportador, devidamente identificado – vizinhos viram sua placa –, parara sua carroça em frente ao jardim e tocara duas vezes. Os vizinhos, ignorando a ausência da empregada, não alimentaram nenhuma suspeita, de modo que o indivíduo executou o serviço na mais absoluta tranquilidade.

Com o seguinte detalhe: nenhum armário fora arrombado, nenhum relógio de parede, deslocado. Como se não bastasse, o porta-moedas de Suzanne, que ela deixara sobre o tampo de mármore da escrivanhinha, estava na mesa ao lado com as moedas de ouro que continha. A motivação do roubo, portanto, estava claramente determinada, o que o tornava ainda

mais inexplicável, pois, afinal, por que correr tantos riscos por butim tão irrisório?

A única pista que o professor pôde fornecer foi o incidente da véspera.

– Na mesma hora o rapaz manifestou, ante minha recusa, uma profunda contrariedade, e tive a impressão muito nítida de que se despedia com uma ameaça.

Era muito vago. Interrogaram o antiquário. Ele não reconheceu nenhum dos dois cavalheiros. Quanto ao objeto, comprara-o por quarenta francos na Chevreuse, após um leilão decorrente de um falecimento, e julgava tê-lo revendido por seu justo valor. A investigação que se seguiu não acrescentou nada de novo.

Mas o sr. Gerbois continuou persuadido de que sofrera um prejuízo enorme. Uma fortuna devia estar dissimulada no fundo falso de uma das gavetas, sendo esta a razão pela qual o rapaz, conhecedor do esconderijo, agira com tal determinação.

– O que teríamos feito com essa fortuna, paizinho? – ecoou Suzanne.

– O quê?! Ora, com um dote desses, você poderia aspirar aos melhores partidos.

Suzanne, que limitava suas pretensões ao primo Philippe, um partido medíocre, suspirava amargamente. E a vida continuou na casinha de Versalhes, menos alegre, menos despreocupada, nublada por arrependimentos e decepções.

TRANSCORRERAM DOIS MESES. E, subitamente, um atrás do outro, os acontecimentos mais graves, uma série inesperada de coincidências e catástrofes...!

No dia 1º de fevereiro, às cinco e meia, o sr. Gerbois, que acabava de chegar com um jornal vespertino nas mãos, sentou-se, colocou seus óculos e começou a ler. Não se interessando por política, virou a página. Imediatamente uma manchete chamou sua atenção:

Terceiro sorteio da loteria das Associações da Imprensa.

O número 514, série 23, ganha um milhão...

O jornal escorregou-lhe das mãos. As paredes vacilaram diante de seus olhos e seu coração parou de bater. O número 514, série 23, era o seu número!

Comprara-o por acaso, para fazer um favor a um amigo, pois não acreditava nem um pouco nos favores do destino, e eis que ganhava!

Imediatamente, pegou sua caderneta. Ali estava, na primeira folha, o número 514, série 23, para que ele não esquecesse. Mas e o bilhete?

Correu em direção ao seu gabinete de trabalho para procurar na caixa de envelopes, entre os quais esgueirara o precioso bilhete, e, mal entrou, estacou, vacilando novamente, com um aperto no coração: a caixa de envelopes não estava

ali e, coisa aterradora, ele subitamente se dava conta de que não estava ali havia um bom tempo! Fazia semanas que a deixara de ver à sua frente nas horas em que corrigia os deveres de seus alunos!

Um barulho no cascalho do jardim... Ele chamou:

– Suzanne! Suzanne!

A filha veio correndo. Subiu precipitadamente. O pai balbuciou, com a voz engasgada:

– Suzanne... a caixa... a caixa de envelopes...?

– Qual?

– A do Louvre... que eu tinha trazido uma quinta-feira... e que ficava na ponta dessa mesa.

– Ora, não se lembra, pai? Estávamos juntos quando a guardamos...

– Quando...

– Aquela noite... você sabe... Na véspera do dia...

– Mas onde...? Responda... Está me matando...

– Onde...? Na escrivaninha.

– Na escrivaninha que foi roubada?

– Sim.

– Na escrivaninha que foi roubada!

Repetiu essas palavras baixinho, com uma espécie de pavor. Em seguida agarrou a mão da filha e, num tom ainda mais baixo:

– Ela continha um milhão, Suzanne...

– Ah, pai, por que não me contou? – ela murmurou ingenuamente.

– Um milhão! – ele repetiu. – Era o número vencedor da loteria da Imprensa.

A dimensão do desastre os aniquilava, e por muito tempo conservaram um silêncio que não tinham coragem de romper.

Por fim, Suzanne articulou:

– Mas pai, eles vão lhe pagar de qualquer maneira.

– A troco do quê? Com que provas?

– Então é preciso provas?

– Que pergunta!

– E você não tem?

– Sim, tenho uma.

– E não basta?

– Ela estava na caixa.

– Na caixa que desapareceu?

– Sim. E outro porá as mãos no dinheiro.

– Mas isso é abominável! Ora, papai, você não pode se opor?

– Sabe-se lá! Sabe-se lá! Esse homem deve ser muito forte!

Dispõe de muitos recursos! Lembre-se... o caso desse móvel...

O sr. Gerbois levantou-se num sobressalto, batendo com o pé no chão:

– Pois bem, não, não, ele não receberá esse milhão, não receberá! Por que o receberia? Afinal, por mais hábil que seja, tampouco pode fazer nada. Caso se apresente para receber, será engaiolado! Ah, veremos, meu rapaz!